PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS !

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 79 Novembro de 1973 ANO IX

TIRANIA, ENTREGUISMO E FOME

O governo de Médici completou, em fins de outubro, seu 4º ano de existência. Esse período constitui um dos mais tenebrosos da história política nacional. Por infelicidade ainda não terminou. É evidente, contudo, que o regime militar está em falência. A alocução presidencial sobre a data já não revela a mesma presunção de êxitos, a decantada popularidade de antes, o empenho aberto do continuísmo. Tudo se transformou num apagar de luzes fúnebres, num desesperante isolamento político, num medo pânico diante da vaga crescente do descontentamento, das inquietações e do surdo reclamo que se espraia por todo o país.

É sempre bom lembrar a carreira sinistra de Médici. Obscuro oficial de cavalaria do Exército, já como capitão foi cúmplice num roubo de dinheiros públicos, safando-se do processo de modo escuso. Por vocação, ingressou nos serviços de polícia e espionagem de sua corporação, chegando a fazer cursos destas especialidades nos Estados Unidos, com o intuito de aprimorar suas aptidões. No golpe contrarevolucionário de 1964, adotou uma atitude dúbia, vacilante, aguardando em cima do muro o desfecho da ação aventureira de seus comparsas. Não obstante, Costa e Silva, quando ditador de turno, o guindou à direção do Serviço Nacional de Informações (SNI), obra máxima dos generais golpistas e à qual ele vem se dedicando de corpo e alma. Nesse cargo foi um dos inspiradores do AI-5 e contribuiu para o alijamento de Costa e Silva. Os generais do Alto Comando do Exército indicaram-no para sucessor do presidente caído em desgraça precisamente por seus dotes de verdugo policial e homem de confiança dos imperialistas norte-americanos. Ocupou, assim, a chefia da quadrilha de ladrões, traidores e fascistas que assaltou o Poder desde 1964.

A promessa de fazer o jogo da verdade durante seu mandato, de instaurar a democracia no final de sua administração, de governar dentro da lei representou por parte de Médici um cínico artifício para embair a opinião pública, neutralizar setores da oposição e realizar de forma mais ostensi-

ra a política entreguista e liberticida dos generais. Ao ocupar o novo posto, sua principal missão era intensificar a guerra ao povo, reforçando o aparelho de repressão, dando carta branca aos torturadores e assassínos lotados nos órgãos especiais de segurança, liquidando fisicamente combativos lutadores da resistência democrática. Médici cumpriria este desígnio de modo implacável. Tentaria, como tentou, revestir seus atos terroristas de aparência legal, atribuindo aos adversários o que ele mesmo praticava. Procurou dar fundamento à exdrúxula idéia de um Estado de democracia social, arrebanhando para isso os teóricos da Ação Integralista de Plinio Salgado e todo o rebotalho da reação. Desse modo, a famigerada doutrina da segurança nacional acabou se decantando num ideário de quartel, que entroniza o terror como norma de governo e persegue a mais insignificante manifestação de inconformismo ou o menor ato que propugne o progresso e o bem-estar das massas.

Malograram, porém, os esforços de Médici e sua camarilha para intimidar as forças patrióticas e populares, criar uma nova elite política, estabilizar o regime e institucionalizar o fascismo. Sob sua égide, está vindo abaixo o chamado modelo brasileiro de desenvolvimento, através do qual os generais esperavam submeter o povo brasileiro em benefício da minoria de exploradores e opressores nacionais e estrangeiros e exercer influência e domínio sobre os demais povos do Continente. Em consequência, no plano interno, sua imagem é execrada e, no exterior, sofre críticas mordazes, desconfiança e repúdio justificados.

A máquina de propaganda oficial prossegue alardeando o constante crescimento do PIB, o aumento das exportações, o acúmulo de importantes reservas cambiais, a redução da taxa inflacionária, ao mesmo tempo que trata de minimizar o endividamento externo, a escassez de matérias-primas, a sobrecarga de impostos, a concentração de rendas, o empobrecimento das grandes massas, a crise do abastecimento, a proliferação das filas, a piora da saúde pública, a degringolada do ensino, o vergonhoso abandono da infância,enfim, o estado de calamidade em que se encontra a esmagadora maioria da população. O governo Médici foi de fato profícuo, generoso, para os imperialistas e para importantes setores da grande burguesia e dos latifundiários. Facilitou a penetração dos trustes estrangeiros, incentivou-os na espoliação das riquezas nacionais e do trabalho dos brasileiros, permitiu-lhes a extração de lucros fabulosos, tornou o país ainda mais subordinado ao imperialismo, sobretudo o norte-americano. Basta verificar que a dívida externa ultrapassou nestes últimos quatro anos a casa dos dez bilhões de dólares. A ditadura fomentou fusões e a formação de

consórcios de empresas e de bancos, concedeu amplos créditos, estimulou a exportação e favoreceu, através de projetos fantásticos e negociatas incríveis, a grande burguesia brasileira que, assim, amassou rápida riqueza. Aos latifundiários dispensou igualmente vantagens exorbitantes, impulsionando-os a estender como nunca suas terras a custa da expulsão de posseiros, camponeses pobres e índios, do açambarcamento, por preços irrisórios e pela grilagem, de terras públicas na Amazônia e em outros lugares.

Enquanto isso, os trabalhadores das cidades e do campo estão sendo reduzidos à miséria e à semi-escravidão. Produzem mais do que antes e recebem menos. As massas de camponeses pobres acham-se na penúria. Os que possuem terra vão perdendo- a e os que não a possuem dificilmente têm acesso à mesma. Milhões de jovens não encontram trabalho compensador. O regime não tem capacidade para resolver o problema do menor abandonado. São cada vez mais assustadores os índices de sanidade da população e atinge cifra alarmante a mortalidade, especialmente entre as crianças. A educação virou privilégio absurdo e, mesmo assim, o ensino está num beco sem saída. A situação do povo agravou-se em todos os aspectos.

Para esconder o malogro na contenção da carestia e da inflação, com seus corolários naturais - baixos salários, falta de gêneros alimentícios e filas, Médici apelou para a justificativa de que a inflação desceria ao 12% prometidos por Delfim Neto, devido a ser fenômeno importado, de caráter universal. Só faltou dizer que a inflação é obra "da conspiração comunista internacional". Em matéria de mentira e desfaçatez, a ditadura é capaz de tudo. A verdade, porém, é outra. A perdurar o atual regime e a orientação dos generais, a inflação não poderá ser contida, tende a sacrificar ainda mais as grandes massas trabalhadoras. Resulta da dependência sempre maior da economia do país aos monopólios estrangeiros, da manutenção de um aparelho estatal oneroso cada vez mais repressivo, das velhas e superadas estruturas. Na realidade, é falsa, traidora, a propalada política de "desenvolvimento", pois, para sustentar-se, precisa receber anualmente um bilhão e meio de dólares do exterior. Os governantes não conseguirão impingir sua desculpa esfarrapada sobre o caráter importado da inflação. O que fazem é deixar claro sua subserviência ao imperialismo, sua proteção à minoria de tubarões e seu menosprezo aos que vivem apenas de salários e ordenados.

No plano político, os quatro anos de governo Médici não encontram paralelo na história pátria. Jamais se tripudiou tão covardemente sobre os sentimentos democráticos do povo brasileiro e se escarneceu tanto da opinião pública mundial. Médici empreendeu a matança sistemática e em larga escala de patriotas. Começou, para lograr efeito intimidatório, com o

o anúncio do assassinato de Carlos Marighela, poucos dias depois de ter tomado posse. Desde então, seus crimes não cessaram, vieram num crescendo hediondo. Centenas de brasileiros tombaram massacrados pela repressão entre os quais, Carlos Lamarca, Mário Alves, Câmara Ferreira, Jorge Leal. Em fins do ano passado, foram trucidados os camaradas Lincoln Oest, Carlos Danielli, Luís Guilhardini e Lincoln Roque, destacados revolucionários e ardentes partidários da emancipação do povo. Nos quartéis e masmorras espalhados pelo país, sobretudo no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, os militares diretamente à frente dos serviços especiais de repressão continuam a martirizar como bestas selvagens todos os que lhes caem nas garras. A tortura tornou-se rotina, e os torturadores ditam a lei. É perfeitamente compreensível, assim, que o facínora Sérgio Fleury seja o paradigma das virtudes cívicas da ditadura e o Esquadrão da Morte se tenha transformado no mais elevado símbolo do regime.

A vida, porém, demonstra que, apesar dos duros golpes sofridos, o movimento popular não foi liquidado. Ao contrário, a resistência alastra-se, apresenta-se dia a dia mais firme. Em 1972, quando Médici se mostrava cheio de arrogância, quando preparava grandes festas para comemorar os 150 anos da independência, procurando aparecer como patriota e êmulo do carrasco Pedro I, quando urdia planos para a prorrogação de seu mandato presidencial, justamente nesse ano surge a luta armada no Araguaia, marco inicial e glorioso de uma longa jornada que há-de conduzir ao triunfo total sobre os inimigos jurados do povo, tanto internos como externos. Cobra novo ímpeto o movimento camponês pela terra, a liberdade e os direitos da gente do interior. Pouco a pouco, também ganha vigor o movimento operário que objetiva reconquistar seus direitos, pôr abaixo o arrocho salarial e tomar em suas mãos os destinos da luta emancipadora e democrática. Os estudantes, que jamais cessaram de protestar contra o infame decreto 477 e a reforma universitária da ditadura, expressam de várias formas seus anseios por uma vida livre e uma cultura nacional. A intelectualidade revela-se igualmente inconformada com a censura e o grave cerceamento de suas manifestações criadoras, não quer submeter-se ao atual e ultrajante estado de coisas. Na Igreja Católica e em outras instituições religiosas, bem como em círculos das classes dominantes, erguem-se vozes condenando as tropelias dos militares, pugnando pela extinção das leis arbitrárias, pela volta ao instituto do <u>habeas-corpus</u> e para que o julgamento dos adversários do regime obedeça, ao menos, certas formalidades jurídicas e não sejam eles fuzilados sumariamente em praça pública como vem acontecendo. Mesmo no seio das forças que estão mancomunadas com a situação, aparecem elementos, como Magalhães Pinto, que, embora timidamente, pleiteiam a vigência do Estado de Direito e

de algumas franquias democráticas. E o jornal "O Estado de S.Paulo", encarniçado partidário da orientação econômico-financeira dos generais, pede a substituição do Delfim Neto por causa de seus fracassos.

Diante do clamor geral contra a política fascista em vigor, os generais se amedrontam e se enfurecem. Ameaçam céus e terras. Declaram que jamais permitirão a liberdade para o povo. O chefe do Estado Maior do Exército, Breno Fortes, insiste na tecla de que o " comunismo é perigo permanente," e que ninguém espere modificações na conduta das Forças Armadas. Em seguida, o general Rodrigo Otávio, conhecido doutrinador do regime, como se estivesse replicando a contestadores invisíveis, diz, com ares habilidosos, que não haverá democracia tão cedo e que a futura ordem constitucional será talhada no molde das casernas. De forma mais grosseira, como sempre, pronuncia-se o comandante do II Exército, Souza Melo. Em bestialógico próprio do seu bestunto, afirma que o Estado de Direito reclamado por certos políticos das classes dominantes está superado, jamais voltará a reger a vida dos brasileiros. Nesse mesmo diapasão põem-se a vociferar outros generais, almirantes e brigadeiros. Isto evidencia que os militares estão temerosos de que o povo não tarde em escorraçá-los e aplicar-lhes o castigo que merecem.

Médici e sua pandilha só podem oferecer ao povo mais sofrimentos, humilhações e arbítrio. Quando todo o país anseia por se livrar da tutela dos generais, eles continuam tramando novas iniquidades e conspirando para permanecer no Poder. Na impossibilidade de conseguir seus objetivos em vista dos interesses e apetites de outros bandos militares, faz barganha com eles e anuncia a vergonhosa farsa da sucessão presidencial, para a qual é indicado outro general de quatro estrelas, reacionário e entreguista. Nenhum democrata digno desse nome pode aceitar essa farsa nem o prolongamento do sistema castrense. As correntes patrióticas e populares querem a abolição do AI-5 e da Carta fascista, a elaboração pelos genuínos representantes do povo de uma Constituição democrática, a libertação de todos os presos políticos, a cessação dos assassinatos e torturas, a supressão dos serviços especiais de segurança e o castigo dos que cometeram crimes contra os direitos humanos, a reforma agrária e a proteção aos trabalhadores do campo, a restauração das conquistas da classe operária, a liquidação do arrocho salarial, a gratuidade do ensino, o fim do 477 e a autonomia universitária, uma política externa independente e a luta contra a espoliação do país pelos trustes internacionais, em especial os norte-americanos.

A resposta ao banditismo dos generais não está ainda à altura das necessidades, dos sentimentos e das aspirações nacionais. Para varrer Médici e sua camarilha, para derrocar o regime atual, a oposição popular eviden-

tamente não pode seguir o caminho do MDB que, embora faça algumas críticas à ditadura, teme contestá-la e, o que é pior, abdica de denunciar seus monstruosos crimes. É preciso unir ampla e solidamente as forças patrióticas e populares, desmascarar as manobras de Médici, não permitir que vinguem ilusões sobre diálogos com os opressores ou expectativas de aberturas democráticas através de alas supostamente liberais dos grupos militares que se digladiam. Torna-se indispensável empregar todas as formas de luta, levantar as reivindicações mais sentidas das massas e acumular forças capazes de promover importantes ações. A bandeira da liberdade e da independência nacional deve ser erguida bem alto para reunir milhões de patriotas e democratas e conduzí-los ao triunfo. A experiência brasileira comprovou mais uma vez que o único e verdadeiro caminho para a conquista da vitória é o da guerra popular. E se essa experiência não bastasse, o recente golpe fascista no Chile ajuda a dissipar os últimos sonhos de uma via pacífica para alcançar direitos para o povo. Urge, portanto, elevar o nível do movimento político de massas e fazer o máximo de esforços para desenvolver a luta armada. Como há quatro anos, a luta armada permanece sendo uma questão de salvação nacional. Se assim não for compreendido, os generais fascistas continuarão a pisotear os interesses do país, a enxovalhar a democracia e a assassinar os melhores filhos do povo brasileiro.

GUINÉ-BISSAU

O povo da Guiné Bissau proclamou a independência de seu país obtida através de luta prolongada contra os colonialistas portugueses. É mais uma nação africana que se liberta da sujeição estrangeira e se ergue para construir sua vida de acordo com as aspirações da esmagadora maioria de seus filhos.

Durante vários séculos a Guiné Bissau viveu sob o jugo de Portugal. Seu povo, tratado como escravo, sem nenhum direito, foi brutalmente oprimido e duramente explorado. Ali predominava a miséria e o analfabetismo, o atraso e a ignomínia. O racismo manifestava-se sob diferentes formas. A população crescia muito lentamente porque péssimas eram as condições de existência, atingindo índices elevadíssimos a mortalidade infantil.

O regime salazarista, sobretudo, levou a cabo uma política cruel de repressão. As lutas das massas populares eram barbaramente esmagadas. E quanto maior o sentimento nacional dos guineenses mais feroz mostrava-se o Exército Colonial Português. Surgiram inúmeras denúncias de impiedosos massacres de nativos realizados por tropas lusitanas.

Continua na pág. 9

Eminente Marxista-Leninista

Mensagem enviada pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil ao camarada Enver Hodja.

Prezado camarada Enver Hodja

Os comunistas brasileiros apresentam-lhe calorosas felicitações pela passagem do seu 65º aniversário de nascimento. Exprimem-lhe de todo o coração votos de saúde e longa vida, para o bem do povo da Albânia e do movimento operário e comunista mundial.

Sabemos que são as massas trabalhadoras os verdadeiros fautores da História. Mas devemos reconhecer o importante papel dos dirigentes quando interpretam de modo correto a necessidade do desenvolvimento social e atuam de acordo com essa necessidade. Você, camarada Enver Hodja, por suas qualidades revolucionárias, seu caráter valoroso, seu patriotismo entranhado e sua aptidão teórica, é uma personalidade destacada da história albanesa e da vida internacional. O povo da Albânia, oprimido durante séculos, sustentou porfiada luta pela liberdade. Em combates heróicos derrotou seus inimigos jurados e, há quase trinta anos, instaurou um novo regime, obteve sua verdadeira independência nacional. Desde então vem realizando progressos maravilhosos. Suplantando o velho e tenebroso atraso, vencendo obstáculos de toda ordem e unido como nunca, alcança magníficas vitórias, constrói conscientemente seu presente e seu futuro radioso, façanha digna de figurar entre os grandes eventos da época contemporânea. Não importa que a Albânia seja uma nação pequena. A contribuição de cada povo ao patrimônio comum da civilização não deve ser avaliada pelo tamanho do território pátrio ou pelo contingente da população e sim pelo conteúdo de sua participação, pela grandeza do empreendimento que leva a cabo. O feito da República Popular da Albânia suscita a admiração e o respeito de todo o mundo. É fruto do trabalho, da inteligência, da combatividade, da perseverança da classe operária e do povo albaneses. É consequência do espírito revolucionário de nosso tempo. Seu nome, camarada Enver Hodja, à frente do Partido do Trabalho, está indissoluvelmente ligado a essas vitórias. Ainda jovem, você tornou-se o coração e o cérebro do/ partido dos comunistas, o destemido comandante da guerra libertadora antifascista, o artífice da unidade política do povo, o líder máximo do vigoroso poder popular. Você vem sendo o porta-bandeira de tão esplendidos triunfos.

Imensurável é o subsídio dado pelo partido dos trabalhadores albaneses

na concretização das idéias de Marx, Engels, Lênin e Stálin. No mapa político da Europa, a Albânia ostenta com firmeza seu caráter socialista, proletário. É a pátria de uma nova civilização. A criação de um regime social tão adiantado, nas condições em que se encontrava o país, exigia imensos esforços, a superação de dificuldades inauditas. Guiando-se pelo marxismo-leninismo, os comunistas albaneses estavam convencidos da possibilidade de edificar exitosamente a nova sociedade. Puseram em tensão todas as suas energias e, com o desvelo de quem realiza uma obra de imperecível valor, avançaram celeremente na consecução de seus nobres objetivos. Ao mesmo tempo, empenharam-se em preservar e desenvolver a doutrina sempre jovem e científica do proletariado que, na Albânia, fulgura como chama vermelha e brilhante para iluminar o caminho do porvir. É você, camarada Enver Hodja, que está entre os marxistas-leninistas de maior destaque, orienta de maneira sábia a construção do socialismo e defende a pureza dos ideais do comunismo. Sua conduta é exemplo para todos os combatentes de vanguarda estímulo para os que almejam ardentemente a vitória da revolução proletária.

Cabe ao Partido do Trabalho da Albânia e a você, camarada Enver Hodja, parte relevante nos êxitos alcançados pela resistência do movimento operário e comunista, assim como dos povos revolucionários contra a enxurrada do revisionismo soviético que ameaçou submergir na lama da impostura e do oportunismo todas as conquistas e esperanças da humanidade trabalhadora. A Albânia foi um dos primeiros alvos das pérfidas manobras e dos infames ataques de Kruschov e sua camarilha. Eles tramaram a criminosa derrubada do Poder Socialista e a destituição dos dirigentes albaneses. Mas o PTA, estreitamente unido ao povo, não temeu a ofensiva revisionista. Confiando na justiça de sua causa e demonstrando serena coragem, travou intrépido e desigual combate contra os renegados. As salvas da fortaleza proletária de Tirana alertaram os trabalhadores e os comunistas do mundo inteiro, ajudaram a desmascarar os inimigos. Desde esse período, surgiram e se multiplicaram em toda parte os bastiões antirevisionistas. A luta, cada vez mais acesa, continuará até que os traidores sejam definitivamente batidos.

O Partido do Trabalho da Albânia é um destacamento avançado da classe operária que inscreve em sua bandeira o glorioso lema: "Proletários de todos os países, uní-vos !". O Internacionalismo proletário expressa os interesses comuns dos operários de distintos lugares, é a mais acalentada aspiração de unidade dos povos. Só através dele será possível forjar, por cima das diferenças nacionais, de raças, de línguas e de fronteiras, o elevado ideal da emancipação do trabalho e das relações fraternais entre

os homens. Só através dele todos os filhos do nosso Planeta acabarão por estender as mãos uns aos outros a fim de construir uma vida de paz e felicidade. Você, camarada Enver Hodja, tem sido um internacionalista consequente, amigo leal e desinteressado dos que combatem a opressão e a exploração capitalistas. O apoio que a Albânia presta aos revolucionários de todos os Continentes é inestimável. A História há-de-registrar o fato realmente assombroso da transformação de um pequeno país, cercado de inimigos, em baluarte destemido do movimento mais progressista da atualidade. No nosso processo, o camarada Enver Hodja converteu-se também num dos mais eminentes chefes do proletariado mundial.

Irmão de luta e de ideal do combativo Partido do Trabalho da Albânia, o Partido Comunista do Brasil, junta-se, com imensa satisfação, às manifestações de amizade e reconhecimento que lhe são tributadas pelo povo albanês no dia do seu 65º aniversário.

Rio de Janeiro, outubro de 1973
O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

GUINÉ BISSAU (Continuação da 6ª página)

Mas não houve força capaz de impedir a união do povo da Guiné Bissau e de derrotar seus anseios de libertação. Criou-se o PAIGC - o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde . e iniciou-se a luta armada, a partir de pequenos grupos guerrilheiros. Em alguns anos de atuação, multiplicaram-se os combatentes da liberdade. Formaram uma poderosa força que assestou golpes demolidores nos soldados estrangeiros e conquistou a vitória.

O movimento de emancipação estendeu-se a todo o país. Portugal ficou encurralado. Ao chamado PAIGC, o povo votou, elegendo seus representantes à Assembléia Nacional que, em histórica reunião, proclamou a independência da Pátria. Essa proclamação foi saudada com entusiasmo por toda a África e pelos povos amantes da liberdade no mundo inteiro. A Organização das Nações Unidas reconheceu o novo Estado soberano da Guiné Bissau.

A ditadura militar do Brasil votou, na ONU, contra o reconhecimento da Guiné Bissau. Os generais fascistas, opondo-se aos sentimentos do povo brasileiro, vêm apoiando todas as manobras do odiado regime português para manter seu domínio no Continente Africano. Ao mesmo tempo que apóiam Portugal, os atuais governantes tratam também de associar-se aos colonialistas desse país para explorar as riquezas e os povos das terras por eles ocu-

padas há tão longo tempo. Nos acontecimentos da Guiné Bissau, o Brasil aparece uma vez mais como um centro de reação a serviço das forças retrógradas internas e do imperialismo norte-americano.

Os generais, porém, não representam o Brasil. 98% dos brasileiros são favoráveis à independência da Guiné Bissau. Nossa Pátria também foi vítima da opressão colonial portuguesa. Tiradentes simboliza precisamente a luta dos patriotas contra a dominação estrangeira. Só os traidores podem ficar ao lado de Portugal. Os que amam a Pátria, saúdam a emancipação do povo da Guiné e se solidarizam com a ação que desenvolve para libertar completamente seu território das forças de ocupação.

Os guineenses alcançaram uma grande vitória. Merecem o aplauso, o respeito e a solidariedade de todas as correntes progressistas. No duro combate que travaram, e ainda travam, demonstraram heroísmo e devotamento à sagrada causa da liberdade.

Lutam os povos árabes

As labaredas da guerra voltaram a se elevar no Oriente Médio. Violentas batalhas foram travadas na zona do Canal de Suez, no deserto do Sinai e nas colinas de Golã. Tropas de Israel, de um lado, do Egito e da Síria, do outro, enfrentaram-se rudemente durante quase três semanas. Os povos árabes demonstraram grande valor no combate a seus inimigos mortais, uniram ainda mais suas fileiras e obtiveram importantes vitórias.

A guerra foi provocada pelo sionismo internacional que estabeleceu sua base de ação em Israel, com o apoio aberto dos Estados Unidos. De início, os sionistas pareciam contentar-se tão-somente com a criação do Estado Judeu Não demorou muito para que pusessem as garras de fora. Através das armas expulsaram os palestinos de seus lares e ocuparam, em 1967, vastas regiões do Egito e da Síria. Suas ambições, porém, não têm limites. Sonham com a expansão sempre maior de suas fronteiras. Julgam-se o povo eleito de Deus, destinado a dominar o mundo. Seus métodos são brutais. Nada ficam a dever aos nazistas. Repetidas vêzes, de surpresa, atacaram o Líbano. a Síria e a Jordânia, massacrando impiedosamente refugiados palestinos e arrasando aldeias camponesas. Nestes últimos meses, realizaram provocações intoleráveis. Chegaram ao cúmulo de interceptar aviões comerciais, em países vizinhos, conduzindo-os sob escolta a Tel Aviv sob o pretexto de procurar guerrilheiros. A guerra tornou-se inevitável.

Os povos árabes lutam para reaver sua terras, usurpadas pelos israelenses, e para acabar com a permanente ameaça de agressão do sionismo. Nessa luta defrontam-se com os mais raivosos inimigos da Humanidade - os imperialistas norte-americanos, principais sustentáculos de Israel e instigadores da guerra. Enfrentam também as manobras políticas e diplomáticas dos revisionistas soviéticos, velhos lobos imperialistas travestidos de cordeiros.

As duas superpotências estão diretamente envolvidas no conflito do Oriente Médio. Uma se diz protetora do povo judeu; a outra, tenta passar como amiga dos árabes. Na realidade, ambas objetivam colocar essa região sob seu controle com o intento de explorar suas riquezas e beneficiar-se de vantagens estratégicas que ela propicia. Realizam fabulosos negócios armamentistas. A Casa Branca fornece armas a Israel, o Cremlin abastece os países árabes. Bilhões de dólares e de rublos são faturados nessa empreitada sinistra. Estados Unidos e União Soviética estimulam um tipo de luta - a guerra convencional, com armamento que só eles possuem, a fim de pôr os contendores sob sua completa dependência. Desta forma, situam-se na posição de árbitros, decidem a seu talante intensificar ou fazer cessar o fogo nos campos de batalha. O conluio soviético-norte-americano funciona a pleno vapor no Oriente Médio, apesar das contradições que existem entre as superpotências. Nixon e Brezhnev, Kissinger e Kossiguin jogam de cartas marcadas. São parceiros da mesma trapaça.

Os povos árabes não se deixarão, porém, enganar pelos ardis dos revisionistas soviéticos e pela chantagem dos imperialistas ianques. Tampouco se deixarão engabelar pelos capitulacionistas que temem mais as massas populares do que os inimigos externos. Já golpearam duramente a arrogância israelense. Acabaram com o mito de sua invencibilidade. Destruíram boa parte de sua máquina de guerra, causaram-lhe grandes baixas nos efetivos militares. A vida vai-lhes ensinando que seu caminho é o da luta prolongada, da guerra popular, que não receia atrair o adversário para os centros populosos, se isto se faz necessário, com o propósito de liquidá-lo. Somente a guerra popular põe um fim à subordinação completa das armas sofisticadas de procedência imperialista, contrária aos interesses nacionais. Ela permite apoiar-se fundamentalmente nas próprias forças.

A resistência ao expansionismo israelense facilitou a criação de uma ampla frente dos países árabes. Esta frente representou um elemento positivo no quadro geral da situação. Conduziu a um isolamento crescente de Israel, ajudou a acentuar mais ainda as divergências interimperialistas, particularmente com os Estados Unidos. Os povos árabes vão distinguindo cada vez melhor quem são seus falsos e seus autênticos amigos. Sua consciência polí-

continua na página 17)

Data Nacional da Albânia

A 29 de novembro o povo albanês comemora jubilosamente o 29º aniversário de sua emancipação nacional e da criação da República Popular. Acontecimento tão auspicioso é saudado com justificada alegria pelas forças progressistas e revolucionárias do mundo inteiro. No Brasil, os comunistas e as correntes populares também se regozijam efusivamente com seus camaradas e amigos albaneses pelo transcurso do querido evento.

A tomada do Poder pelas massas populares e a proclamação da República assinalaram uma reviravolta na História da Albânia. Oprimido durante séculos, mas conservando íntegro e inquebrantável seu sentimento de liberdade e progresso, o povo desse país, em 1944, no fragor da guerra contra o nazi-fascismo e após cruentas batalhas, foi um dos primeiros que na Europa ergueram a bandeira da vitória contra os ocupantes italianos e alemães, sacudindo simultaneamente o jugo dos reacionários internos que mantinham um regime a serviço dos dominadores estrangeiros. A fundação do Estado de democracia popular, dirigido pela classe operária, culminou o processo da libertação e se constituiu num ato revolucionário de enorme alcance. Em todo o processo, os albaneses deram provas de heroísmo, fizeram sacrifícios sem conta, demonstraram a força de seu patriotismo e de seu amor à causa da revolução. Em sua liderança, desde o primeiro momento, encontravam-se os comunistas, encabeçados pelo camarada Enver Hodja. Eles souberam exprimir as aspirações nacionais e populares e formular, de conformidade com as condições concretas, uma política justa, marxista-leninista, que, aplicada corajosamente, levou ao histórico triunfo.

Sob a ditadura do proletariado e guiada pelo glorioso Partido do Trabalho, a Albânia ingressou no caminho do socialismo. Para essa ingente tarefa, os operários, os camponeses e a intelectualidade progressista teriam de fazer prodígios de organização, disciplina e tenacidade a fim de vencer apoiados principalmente em seus próprios meios, a pesada herança de atraso econômico e cultural, além de inúmeras outras dificuldades. Mais uma vez, a nação albanesa revelou seu valor, o quanto tinha compreendido a significação do socialismo para o seu destino. Mobilizou-se e uniu-se resolutamente em torno do Partido do Trabalho para edificar a nova sociedade. Estava certa de que começava a erigir uma Pátria livre e soberana, destinada a alcançar a felicidade de todos e a ajudar à causa da revolução mundial. Os trabalhadores da nova Albânia, verdadeiramente donos de sua terra, deram passos gigantescos na transformação econômica, cultural, política e social do país. A indústria surgiu com ímpeto e vem-se desenvolvendo em ritmo acelerado no curso da realização de uns poucos Planos Quinquenais. A agricultura deu, igualmente, um grande salto. Na base de uma efetiva reforma agrá-

ria e da criação das cooperativas camponesas que vão ganhando nível superior, o panorama do campo modificou-se radicalmente. A eletricidade atingiu as aldeias mais remotas. O bem-estar das massas é crescente e sólido. Do ponto de vista político e social foram realizadas conquistas que colocam o regime albanês como o mais adiantado da Europa. O direito ao trabalho, à cultura e à liberdade, a emancipação da mulher, a erradicação das mazelas da velha sociedade não são meras formalidades como as que se inscrevem nas Constituições burguesas. Na Albânia, o homem e a mulher são realmente livres porque derrubaram os exploradores e opressores, estão convictos de seus deveres e empregam seus esforços em benefício da coletividade.

Mas a construção do socialismo, além de requerer uma base técnica e material avançada, exige também, e principalmente, a constante revolucionarização ideológica e o aperfeiçoamento político. O povo não pode dormir sobre os louros. Ainda existem importantes problemas econômicos a resolver, preconceitos, velhos costumes e idéias erradas a extirpar, inimigos camuflados ou abertos a enfrentar. Os camaradas albaneses estão conscientes de que o triunfo definitivo do socialismo demanda tempo e grandes sacrifícios. E está igualmente na dependência da vitória do proletariado e dos povos oprimidos dos outros países. Por isso, empenham-se continuamente em realizar vultosas obras e em revolucionarizar, sob todos os aspectos, as forças políticas e espirituais da sociedade. Assim, através do V Plano Quinquenal, do reforçamento da ditadura do proletariado, da intensa participação da classe operária e das massas trabalhadoras na vida e no controle do Estado e do Partido, do aumento do poder defensivo da Pátria, da superação do burocratismo, do cuidado com a formação do novo homem, enfim, do esforço permanente para viver, pensar e trabalhar como revolucionário, o povo albanês pode olhar confiante para o futuro.

Em decorrência de seus êxitos, da justiça de sua causa e da coerência da sua política de paz, a Albânia socialista projetou-se internacionalmente, é hoje uma nação admirada e respeitada por todos os povos que amam a liberdade e o progresso. Tornou-se uma força destacada do movimento revolucionário e emancipador, um exemplo que infunde alento e esperança aos explorados e oprimidos de todos os países. Tomou uma posição destemerosa no desmascaramento do revisionismo contemporâneo e na denúncia implacável da traição dos dirigentes da URSS. Ocupa uma posição de vanguarda na luta contra as duas superpotências - Estados Unidos e União Soviética - que se conluiaram para dividir o mundo em esferas de influência e para sufocar a revolução em toda parte. Defende a República Popular da China como nação socialista irmã e faz público seu reconhecimento pela ajuda desinteressada que tem recebido do grande povo chinês, do seu glorioso Partido e do cama-

rada Mao Tsetung. Em suma, a Albânia é a amiga firme de todos os combatentes do autêntico movimento proletário e das lutas de emancipação, é a voz ardente e vigorosa que está sempre pronta a se levantar em defesa da doutrina do marxismo-leninismo.

Os comunistas brasileiros - que lutam contra o imperialismo norte-americano e a ditadura militar, pela democracia e a independência - nutrem grande admiração e amizade pelo povo albanês, procuram estudar e compreender a importância de suas conquistas e experiências, apreciam em alto grau seu espírito internacionalista. Com razão se alegram pela passagem de mais um aniversário da data nacional da Albânia. Fazem votos para que seus êxitos se multipliquem e contribuam para fortalecer a causa do socialismo.

....

Êxitos das Forças Guerrilheiras

Está sendo divulgado de variadas formas o Comunicado nº 5 das Forças Guerrilheiras do Araguaia. Este documento encerra um rápido balanço de determinado período da luta travada entre moradores do sul do Pará e tropas da ditadura. Depois de sua divulgação novos choques ocorreram na área onde atuam as guerrilhas, com vantagens para os combatentes do povo. A chama da luta armada, acesa há mais de ano e meio, continua brilhando intensamente na região araguaiense.

Diz o comunicado: "Após vários meses de intensa campanha militar contra as Forças Guerrilheiras do Araguaia, as tropas do Exército, da Aeronáutica e da Marinha, que atuaram em conjunto tentando destroçar a resistência armada do sul do Pará, desistiram temporariamente de prosseguir na campanha". E mais adiante: "Temendo o desgaste e maior desmoralização, e sentindo a hostilidade do povo, o Alto Comando das Forças Armadas resolveu retirar o grosso das tropas federais da zona de luta. Alguns contingentes permanecem em cidades próximas. A ação armada passou a ser efetuada pelas Polícias Militares do Pará, Goiás, Maranhão e Mato Grosso, distribuídas por diferentes setores". Acentua ainda que "as Forças Guerrilheiras do Araguaia não se deixaram esmagar, conservaram sua capacidade combativa e ampliaram suas ligações com as massas" e que "estão decididas a prosseguir no combate aos inimigos do povo".

Estes acontecimentos revestem-se de enorme significado para todos os brasileiros amantes da liberdade. Assinalam expressiva vitória dos combatentes da selva e, portanto, das correntes democráticas, e uma derrota dos Generais que governam o país. Como é sabido, em abril de 1972 a ditadura havia enviado para aquela região muitas unidades do Exército, da Marinha e

da Aeronáutica a fim de esmagar a resistência popular que ali surgira. Decorridos alguns meses de ação constante, utilizando amplos recursos militares, as tropas detiveram-se em vários trechos da Transamazônica e nas cidades e povoados vizinhos sem alcançar seus propósitos. Em fins do ano passado, nova campanha foi empreendida. Milhares de soldados chegaram ao Araguaia. Os generais Viana Moog e Antônio Brandeira assumiram o comando da força, que ocupou as estradas e cidades ribeirinhas. Destacamentos de Batalhões da Selva, abrindo picadas, penetraram na mata. A aviação lançou bombas de alto poder explosivo e empregou o napalm para atemorizar os resistentes. Durante a operação o Exército cometeu as maiores barbaridades contra os habitantes do lugar. Queimou roças e casebres do povo. Prendeu e torturou inúmeras pessoas. Assassinou prisioneiros friamente. Não conseguiu, entretanto, liquidar os guerrilheiros que lhe assestaram golpes, causando muitas baixas.

As forças da ditadura encontraram-se diante de uma situação perigosa, sofrendo desgaste e acossadas pela animosidade da população. O recurso foi retirar. Essa retirada, contudo, constituiu sério revés para os generais fascistas, tão arrogantes quando se trata de enfrentar o povo desarmado das cidades, de prender e assassinar covardemente patriotas e democratas. Em que pese o formidável aparato bélico e o número elevado de soldados, foram incapazes de pôr fim à resistência dos lavradores e revolucionários da região do Araguaia. Não puderam acabar com as guerrilhas. Viram-se impotentes diante das massas populares do interior que recorreram às armas para defender sua vida e seus direitos.

É certo que a retirada não significa o término das operações militares. A ditadura mantém em ação contra os guerrilheiros numerosas tropas da Polícia Militar de quatro Estados em cujos comandos, como diz o Comunicado, há oficiais do Exército e da Aeronáutica. Diversas expedições punitivas têm sido levadas a efeito contra populações do Pará, Goiás, Maranhão e Mato Grosso. Particularmente os moradores dos municípios de S. Félix, Luciara e Conceição do Araguaia têm sido vítimas de virulentas investidas. Nas áreas de Marabá e Araguatins as perseguições redobraram. É evidente que o inimigo adotou nova tática, face ao fracasso das tentativas anteriores. Não colherá, porém, melhores resultados.

Segundo se anuncia - e as agências internacionais de notícias divulgaram - nos meses de setembro e outubro próximo passado os guerrilheiros empreenderam audaciosos atos. Golpearam as forças repressivas em dois pontos. Atacaram um posto da Polícia Militar, na direção de Marabá, e ocuparam durante algum tempo a povoação de Santa Isabel, às margens do Araguaia. Nas-

tas ações infligiram baixas, entre mortos e feridos, aos soldados do governo. Apossaram-se de armas e munições. Fizeram propaganda revolucionária. O feito dos guerrilheiros alcançou enorme repercussão em toda uma vasta área e foi saudado pelas massas locais. Apavorada com os golpes recebidos, a ditadura tratou de enviar mais reforços e de intensificar a violência policial.

As Forças Guerrilheiras do Araguaia, pouco a pouco, vão-se consolidando. Venceram a primeira e a mais difícil etapa da adaptação às condições de vida e de luta na selva, adquiriram maior experiência. Os combatentes demonstraram possuir fibra de revolucionários conseqüentes. São heróis do nosso povo. Sustentaram com sucesso embates desiguais e asseguraram a sobrevivência dos destacamentos armados. Esta sobrevivência, por si só, já representa um imenso êxito. Embora seja ainda uma vitória parcial, os primeiros passos de uma longa e árdua caminhada, eles conseguiram estabelecer um núcleo imbatível de resistência ao regime despótico dos generais fascistas. Abriram um novo caminho para o povo; o da luta armada no interior, seguindo a tática da guerra de guerrilhas. E esse caminho é inteiramente justo. A guerrilha é invencível sempre que seus componentes expressem os verdadeiros sentimentos da nação, consigam manter-se intimamente ligados às massas e adotem métodos de combate compatíveis com a correlaçpao de forças em cada momento.

O povo brasileiro não se conforma com o regime militar implantado há dez anos. Está submetido a um sistema terrorista de governo, mas busca constantemente sacudir o jugo da tirania. O exmplo do Araguaia é um alento. Indica ser possível enfrentar e derrotar os opressores. A força dos generais não tem consistência. Eles apóiam-se nas armas, estão porém cada vez mais isolados. O descontentamento popular cresce sem cessar e é grande o ódio aos serviçais do capital estrangeiro e assassínos de patriotas. Recorrendo à luta em defesa de seus interesses, apoiando e ajudando a desenvolver os destacamentos guerrilheiros no interior, combinando as mais diversas formas de atuação, as massas acabarão derrubando a ditadura e conquistando a liberdade, o bem-estar e a independência nacional. Com plena razão, o Comunicado das Forças Guerrilheiras assinala que "os patriotas e democratas estão chamados a apoiar por todos os meios a resistência armada e a desenvolver a união e a luta, sempre mais energica, contra a ditadura militar que escraviza a nação brasileira".

Alcançarão, sem dúvida, grande ressonâacia no país o Comunicado nº 5 dos combatentes do sul do Pará, assim como os sucessos obtidos nos dois últimos encontros com as tropas do governo. Fatos tão promissores, desperta-